



«Território translúcido» – RUI HORTA PEREIRA

Na “República” de Platão diz-se a determinada altura: “seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas ele mesmo, no seu lugar”, e esse parece ser o desígnio deste projecto de Rui Horta Pereira, um ensaio sobre a translucidez. Escultor de formação, esta não é, aliás, a primeira vez que no seu percurso artístico a luz é abordada enquanto assunto e matéria, já havia sucedido com as diferentes séries do «Sol» [2020, 2018, 2013], as monotípias de «A penumbra golpeada de luz» [2020], ou as esculturas da série «Opaco» [2018].

Perscrutando estas obras que Rui Horta Pereira apresenta em «Território translúcido» poderemos encontrar três eixos que reflectem o pensamento artístico e filosófico subjacente: o significado etimológico de translúcido como aquilo que está “para além da luz”; a luz enquanto metáfora da sabedoria; o fenómeno físico que relaciona a luz com a matéria de um corpo, de como esta se comporta face a um objecto. Tudo começa com uma matriz de acetato na qual, espontaneamente, são inscritos gestos feitos com silicone, enunciando essa acção simbólica de “marcar uma falsa terra”. Surgem símbolos cujo significado só se revelará à posteriori, precisamente quando a luz vier a projectar a “imagem original” quer seja no papel quer na resina. A grafite se constroem e percorrem os caminhos de uma jornada peripatética que Rui Horta Pereira nos sugere com estes seus desenhos de larga escala, numa ampliação radical da “imagem original”. À escala real, a mesma imagem é transferida e marcada numa espécie de selos assírios, cuja visão da narrativa é sempre parcial e repetível. Enquanto dispositivo de apresentação, «Território translúcido» propõe-nos, ainda, um jogo que nos interpela sobre o lugar do desenho e da escultura.

Voltamos à Grécia Antiga. Como que caminhando ao ar livre, ouvindo os ensinamentos de Aristóteles, uma luz reflete uma imagem que se transforma numa outra realidade. Afinal, há quem (ainda assim) prefira ver o real que uma sombra que o espaço projecte.

Ana Matos

Março de 2022



«Translucent territory» – RUI HORTA PEREIRA

At a certain point in Plato's "Republic", it is said: "he would be able to look at the Sun and contemplate it, not a mere reflection of the Sun in the water or anywhere else, but itself, in its proper place", and that seems to be the purpose of this project by Rui Horta Pereira, an essay on translucency. A sculptor by training, this is not the first time in his artistic career that light is approached as a subject and matter. That was already the case with the different «Sol» series [2020, 2018, 2013], the «A penumbra golpeada de luz» monotypes [2020] and the sculptures from the "Opaco" series [2018].

Examining the works that Rui Horta Pereira presents in «Território translúcido», we find three axes that reflect the underlying artistic and philosophical thought: the etymological meaning of translucent as that which is "beyond light"; light as a metaphor for wisdom; the physical phenomenon that relates light to the matter of a body, how it behaves in relation to an object. It all starts with an acetate matrix on which, spontaneously, gestures made with silicone are inscribed, enunciating the symbolic action of "marking a false land". Symbols appear whose meaning will only be revealed later, precisely when the light comes to project the "original image", whether on paper or resin. With graphite are constructed and travelled the paths of a peripatetic journey that Rui Horta Pereira suggests to us with his large-scale drawings, in a radical enlargement of the "original image". Full-scale, the same image is transferred and marked in a kind of Assyrian stamps, which vision of the narrative is always partial and repeatable. As a presentation device, «Território translúcido» also proposes a game that questions the place of drawing and sculpture.

We return to Ancient Greece. As if walking outdoors, listening to Aristotle's teachings, a light reflects an image that becomes another reality. After all, there are those who (even so) prefer to see reality rather than a shadow projected by space.